



*BOLETIM
ECONÔMICO*
NUPE - UNIFOR

Vol. 2, N. 10, novembro/2021 #18



**Universidade
de Fortaleza**



BOLETIM ECONÔMICO **NUPE - UNIFOR**

Vol. 2, N. 10, novembro/2021 #18

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas – UNIFOR

Prof. Ricardo Eleutério Rocha

Curso de Economia UNIFOR / Coordenador do Núcleo
de Pesquisas Econômicas – UNIFOR

Prof. Felipe Bezerra dos Santos

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Francisco Alberto Lima de Oliveira

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Maurício Teixeira Rodrigues

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor

EDIÇÃO

Prof. Wagner Borges

Curso de Jornalismo UNIFOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Aldeci Tomaz

Curso de Jornalismo UNIFOR



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 18ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião do Professor da Universidade de Fortaleza, Mauricio Rodrigues. De Damodaran a Riobaldo, o economista analisa a gestão de riscos no artigo intitulado “(Sobre) viver é muito arriscado: a gestão de riscos e as crises econômicas”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil. Na última seção do Boletim, destaque para a evolução das ações das empresas cearenses listadas em bolsas de valores, medida pelo Índice de Ações Cearenses – IAC do Núcleo de Pesquisas Econômicas da UNIFOR.

Boa Leitura!



OPINIÃO:

(SOBRE)VIVER É MUITO ARRISCADO: A GESTÃO DE RISCOS E AS CRISES ECONÔMICAS

Mauricio Rodrigues ^{1*}

O universo das ideias tem, dentre suas infinitas nuances, a fantástica capacidade de conectar figuras aparentemente tão díspares quanto um renomado professor de finanças indiano, um centenário filósofo francês e um fictício ex-cangaceiro nordestino, O elo entre eles? O pensar sobre a presença do risco em nossas vidas.

Aswath Damodaran² nos lembra que estamos expostos a diversos riscos desde o momento em que acordamos, ao executarmos nossas atividades diárias e, possivelmente, até depois de voltarmos para a cama. Edgar Morin³, por sua vez, recomenda que esperemos o inesperado e afirma que as certezas são uma ilusão. Riobaldo, o personagem central de “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, sintetiza tudo isso e nos alerta que viver é muito perigoso.

Ou seja, a incerteza, esse flagelo que sabota o eterno anseio do ser humano de comandar seu destino, esteve desde sempre umbilicalmente ligada à ideia do risco. Justamente por isso, constitui um importante marco teórico a distinção proposta por Frank Knight, em 1921, entre o risco, passível de ser medido (de caráter objetivo), e a incerteza, não mensurável (de caráter subjetivo).

Cem anos após o nascimento da incerteza Knightiana⁴, uma infinidade de questões ligadas à temática do risco continua desafiando as mentes, tais como: o que é, como identificar, como classificar e, acima de tudo, como tratar o risco? Evitar, mitigar, transferir (compartilhar) ou aceitar (tolerar)?

Focando apenas na tipologia, essencial para a definição do tratamento, veja-se que não há uma classificação de riscos absoluta, ou aplicável a todas as organizações. O cardápio é variado, com alguns tipos clássicos e outros nem tão conhecidos, e aberto a sugestões e contribuições. Para citar alguns, temos: risco operacional, de crédito, de liquidez, de mercado, de capital, estratégico, socio-ambiental, de imagem, reputacional, cibernético.

A busca das melhores respostas às questões antes referidas está na essência do conjunto de atividades que genericamente denominamos gestão de riscos. Em suma, a gestão de riscos visa conferir razoável segurança ao alcance dos objetivos de uma organização.

Parece natural, portanto, que no mundo corporativo, onde as decisões são essencialmente condicionadas pelo binário retorno-risco e tomadas em ambientes cada vez mais incertos, complexos e voláteis, o papel da gestão de riscos só cresça em relevância e abrangência, mas, em contraparte, cresça também a necessidade de evolução constante.

Nesse contexto, se é imediata e cristalina a percepção dos efeitos deletérios de uma crise econômica sobre todas as áreas de uma instituição, o que dizer, então, sobre seus impactos nas atividades ligadas à gestão de risco.

Observando-se a trajetória da gestão de riscos nas últimas três décadas, é possível verificar-se que tanto os grandes avanços de natureza teórica, institucional e instrumental, como os desafios que se renovam continuamente, tiveram um escândalo ou uma crise econômico-financeira como fator

1 ^{*} Professora da UNIFOR.

2 ^(*) Economista. Professor do Curso de Ciências Econômicas da Unifor e técnico do Banco do Nordeste. Aswath Damodaran é um professor de finanças da Stern School of Business, na Universidade de New York.

3 Edgar Morin, pseudônimo de Edgar Nahoum, é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês, nascido em 08.07.1921.

4 Definida como uma situação em que o futuro não é e não pode ser conhecido; ou também pela falta de conhecimento quantificável sobre alguma ocorrência possível.

acelerador. É a incerteza que sempre insiste em voltar aos holofotes, demandando novas atitudes e respostas.

Aqui se aplica perfeitamente o bordão “follow the money”. Por exemplo, foi na esteira de grandes instabilidades nos sistemas monetários nacionais e internacionais que se criou, sob a liderança do Bank of International Settlements (BIS), o Comitê de Supervisão Bancária da Basiléia.

Em 1988, foi divulgado o Acordo da Basiléia, com o propósito maior de mitigar os efeitos nocivos de contaminação nos mercados financeiros e proporcionar um ambiente de gestão mais eficiente. O Acordo já está na sua terceira versão, e a série de aperfeiçoamentos introduzidos até o momento deu-se, majoritariamente, em reposta a crises, tais como as ocorridas no início da década de 1990 e a crise financeira de 2007-2008, que expunham as fragilidades existentes.

Na mesma linha, ocorreram movimentos regulatórios em relação às empresas não financeiras. Cabe destacar que se, por um lado, os riscos financeiros são extremamente sensíveis para a saúde das economias, por outro, são mais facilmente identificáveis e quantificáveis. Já os riscos não financeiros (p.ex, risco de imagem), por seu elevado grau de subjetividade, apresentam maiores dificuldades para identificação e tratamento, exigindo um arsenal de instrumentos bastante variado e complexo.

Uma vez mais, a recorrência de escândalos corporativos, como os casos Enron e WorldCom, no início dos anos 2000, foi determinante para a criação de instrumentos como a lei Sarbanes-Oxley (SOX)⁵, que, embora específica para os Estados Unidos, serviu de base para regulamentar práticas de governança corporativa ao redor do mundo.

A despeito de todas as dificuldades, pode-se considerar que o arcabouço institucional para a gestão de riscos nas empresas não financeiras hoje é maduro e sólido, materializado em diretrizes, recomendações e metodologias sugeridas por instituições como o Committee of Sponsoring Organizations of the Treadway Commission (COSO) e a International Organization for Standardization (ISO 31000). Uma pequena amostra dessa maturidade pode ser representada pela visão que norteia o mais recente documento do COSO⁶, de 2017, realçando a importância do gerenciamento de riscos corporativos no planejamento estratégico das organizações.

E os próximos capítulos da gestão de riscos? Ora, se a tarefa de olhar prospectivamente é difícil e espinhosa mesmo em tempos de “mar calmo”, fazê-lo em meio à tempestade de uma crise econômica com a severidade, abrangência e peculiaridades desta que o mundo está vivenciando, em consequência da Covid-19, assemelha-se a uma missão quase impossível.

No entanto, tomando-se como referência os melhoramentos introduzidos na área de gestão de riscos em consequência de escândalos e crises, é lícito se esperar que venhamos a ter importantes avanços, especialmente no que se refere à estruturação de mecanismos destinados a fortalecer a resiliência das organizações ante as intempéries econômico-financeiras. Mas, antes de tudo, navegar e sobreviver será preciso, e muito arriscado.

PANORAMA INTERNACIONAL

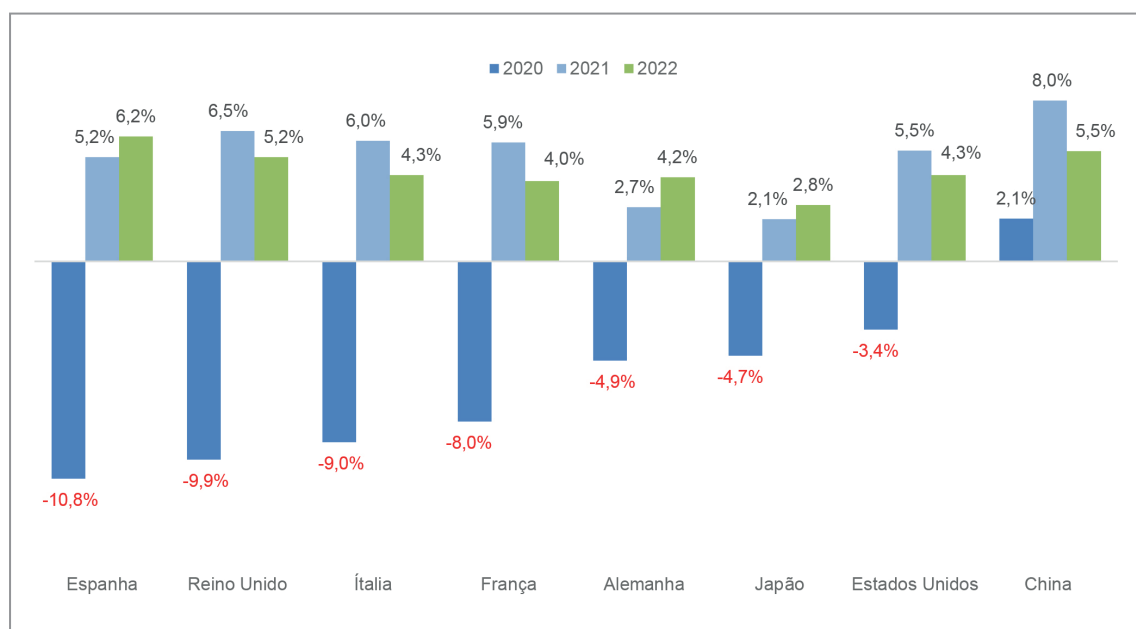
No ano de 2020 houve uma forte queda na atividade econômica mundial em decorrência da pandemia da Covid-19. De acordo com o Gráfico 1, com exceção da China, no qual apresentou um crescimento do PIB de 2,1%, todos os outros países analisados registraram recessão econômica: Espanha (-10,8%), Reino Unido (-9,9%), Itália (-9,0%), França (-8,0%), Alemanha (-4,9%), Japão (-4,7%) e Estados Unidos (-3,4%).

5 Lei criada em agosto de 2002, com o intuito de restabelecer a ética das operações financeiras no mercado de capitais dos Estados Unidos, que enfatizou o papel fundamental dos controles internos e transformou em exigência legal as boas práticas de governança corporativa.

6 COSO. Gerenciamento de Riscos Corporativos – Integrado com Estratégia e Performance, jun/2017.

Devido aos grandes estímulos fiscais e uma perspectiva otimista em relação ao ritmo avançado das vacinas na grande maioria dos países analisados, existe uma visão geral de crescimento e retomada da economia para o ano de 2021, onde projeta-se um crescimento de 8,0% para a China, seguido do Reino Unido (+6,5%), Itália (6,0%), França (5,9%), Estados Unidos (5,5%), Espanha (5,2%), Alemanha (2,7%) e Japão (2,1%). Para o ano de 2022 projeta-se crescimento menor do que o ano de 2021, com exceções da Espanha (6,2%), Alemanha (4,2%) e Japão (2,8%). Os resultados das previsões para o ano de 2022 podem se alterar em maior magnitude nos próximos meses, devido a chegada da nova cepa Ômicron, no qual é mais transmissível do que as outras cepas. Novos estudos estão sendo conduzidos atualmente para medir o efeito da eficácia das vacinas e consequentemente medir os efeitos econômicos negativos que essa nova cepa pode causar a partir da chegada da quadra invernal nas principais economias mundiais.

Gráfico 1 – Variação anual do Produto Interno Bruto (PIB) Real (%) – Países selecionados – 2020 a 2022.

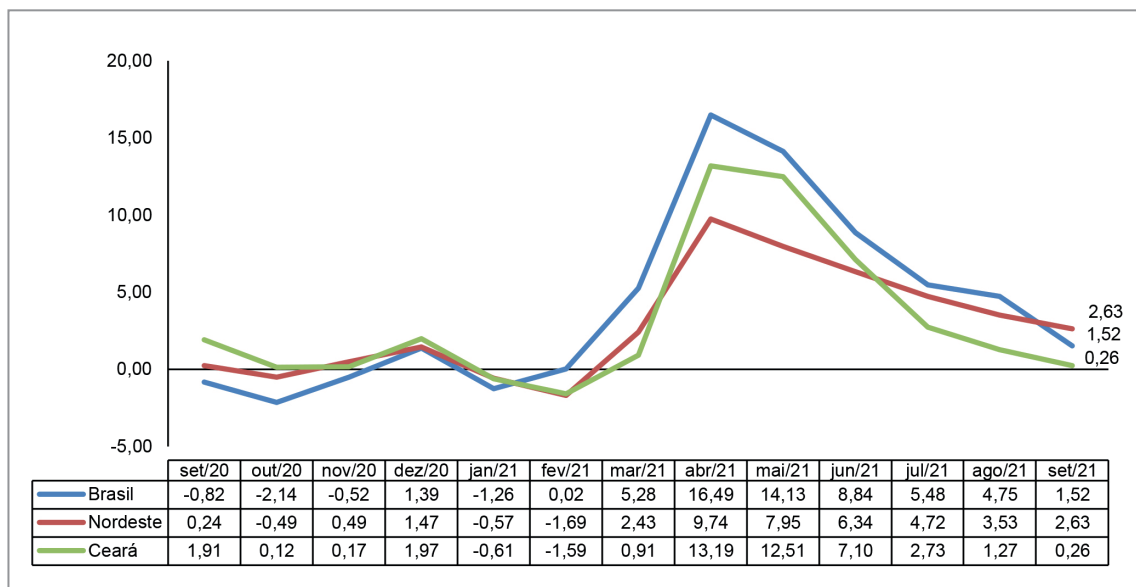


Fonte: Euromonitor/Macro Model Euromonitor Baseline - Atualizado em 15/11/2021.

A ATIVIDADE ECONÔMICA NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Com base no índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC), apresentado no Gráfico 2, pode-se verificar que houve um processo de reaquecimento das economias no Brasil, Nordeste e Ceará a partir de março de 2021, com picos de crescimento no mês de abril de 2021, para o Brasil (5,28%), Ceará (13,19%) e Nordeste (9,74%). Essa melhora na atividade econômica do país deve-se a restrições mais brandas nas atividades econômicas ligadas ao setor de serviços beneficiado pelo rápido avanço da vacinação. Porém, a partir dos meses seguintes, principalmente no segundo semestre de 2021, o ritmo de crescimento econômico vem se tornando cada vez mais intenso face ao crescimento da demanda, que estava comprimida em época de pandemia, mas que também tem provocado principalmente devido a forte pressão inflacionária nos preços dos alimentos e combustíveis, ainda como decorrência dos efeitos negativos na economia causadas pela pandemia da Covid-19. Bem como no O preço da energia também tem contribuído para o aumento da inflação, devido as estiagens nos principais reservatórios das hidrelétricas brasileiras. Para conter a inflação, o Banco Central vem aumentando a taxa de juros SELIC, o que poderá gerar como consequência, concorrer para um desaquecimento na economia.

Gráfico 2 - Crescimento mensal (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) – mês contra mesmo mês do ano anterior – Brasil, Nordeste e Ceará – setembro/20 a setembro/21.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

Segundo as estimativas da Conab geradas em novembro de 2021 (Tabela 1) pode-se verificar que a produtividade nacional da safra 2021/2022 registra um crescimento de +10,9%, seguindo a mesma dinâmica das produtividades do Ceará e do Nordeste, no qual registraram elevações de +11,4 e +2,7%, respectivamente, quando comparadas às safras de 2020/2021. Atualmente verifica-se uma variação pouco expressiva em plantações de hectares de terra, apresentando uma estabilidade de 0% (Ceará), +2,3% (Nordeste) e +3,5% (Brasil), na comparação de estimativas da safra 21/22, frente a safra de 20/21. Observa-se, por fim, uma elevação na produção total de grãos no Brasil, para 289,7 milhões de toneladas na safra 21/22, representando um crescimento de +14,8%. Para o Ceará e a região Nordeste é estimada, respectivamente, uma produção de 660,9 mil e 24,7 milhões de toneladas para a safra atual, representando um aumento para a produção do Ceará de +11,4% e de +5,0% em relação as estimativas para o Nordeste.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos – produtos selecionados (*) – safras 2020/21 e 2021/22 (**) – Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %
Ceará	942,9	942,9	0,0	629,4	700,9	11,4	593,5	660,9	11,4
Nordeste	8.533,7	8.726,6	2,3	2.766,0	2.839,4	2,7	23.604,3	24.778,2	5,0
Brasil	69.416,6	71.844,5	3,5	3.636,0	4.034,0	10,9	252.402,9	289.787,7	14,8

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale; (**) São estimativas geradas pelo Conab em novembro de 2021.

O Setor da Indústria

De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) elaborada pelo IBGE, considerando o acumulado do ano até setembro de 2021, frente ao mesmo período de 2020, o setor da indústria apresentou um crescimento de 7,5%. Ademais, a análise local referente ao estado do Ceará para o setor expôs um crescimento de +11,9%, enquanto para o Nordeste, há uma retratação de -4,4%.

O setor das Indústrias de Transformação apresentou uma expansão de 8,4%, na mesma comparação. Em contrapartida, sob a perspectiva da análise regional, o Nordeste registrou uma queda de -4,3% na produção. Analisando o setor referente às Indústrias Extrativas, o cenário nacional apresentou um singelo crescimento de 1,2%, no mesmo momento em que a região Nordeste sofreu uma queda de -5,5%.

Dentre os 25 grupos de atividades industriais pesquisadas e analisadas para o Brasil, os segmentos que apontaram maior evolução no volume de produção foram: Veículos automotores, reboques e carrocerias (35,1%) e Máquinas e equipamentos (33,8%). Em contraste com estes dados, as atividades que obtiveram resultados negativos mais expressivos foram: Produtos Alimentícios (-7,6%) e Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal (-4,6%).

Observando as atividades das Indústrias de Transformação para o estado, ressalte-se que o Ceará apresentou um crescimento acima da média nacional. No estado, as atividades que exibem maior crescimento são: Produtos têxteis (64,7%) e Confecção de artigos do vestuário e acessórios (44,9%). O aumento da produção de tecidos a artigos de vestuário nesse cenário pós-lockdown é um fenômeno denominado *revenge buying*, que vem acontecendo no mundo todo. Esse fenômeno, oriundo da china, se refere atualmente à compra excessiva de produtos após uma demanda reprimida. Já a atividade que apresentou maior queda no cenário estadual, contrastando com o cenário nacional, foi o de Veículos automotores, reboques e carrocerias (-38,1%), o que está relacionado com a decisão da Ford de fechar a fábrica em Horizonte (CE) no começo do ano, e mais recentemente, a decisão de encerrar a produção do Jipe Troller, em setembro de 2021.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais- Brasil, Nordeste e Ceará – Acumulado em 2021 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	8,4	-4,3	11,9
Produtos alimentícios	-7,6	-2,1	-11,5
Bebidas	4,0	2,3	9,7
Produtos do fumo	1,6	-	-
Produtos têxteis	20,5	32,5	64,7
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	26,0	36,6	44,9
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	17,2	19,2	23,9
Produtos de madeira	17,1	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	3,3	7,1	0,0
Impressão e reprodução de gravações	24,0	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-1,7	-31,1	-14,5
Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	-4,6	-	-
Outros produtos químicos	7,0	14,5	15,2

Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-1,7	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	11,4	5,3	-
Produtos de minerais não-metálicos	20,7	9,5	17,1
Metalurgia	23,1	-1,0	3,4
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	13,1	12,8	14,4
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	4,0	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	12,6	26,2	28,0
Máquinas e equipamentos	33,8	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	35,1	-38,1	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	20,8	-	-
Móveis	6,4	-	-
Produtos diversos	20,0	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-3,3	-	-
Indústrias extrativas	1,2	-5,5	-
Indústria geral	7,5	-4,4	11,9

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2021 a setembro/2021 (Base: igual período do ano anterior).

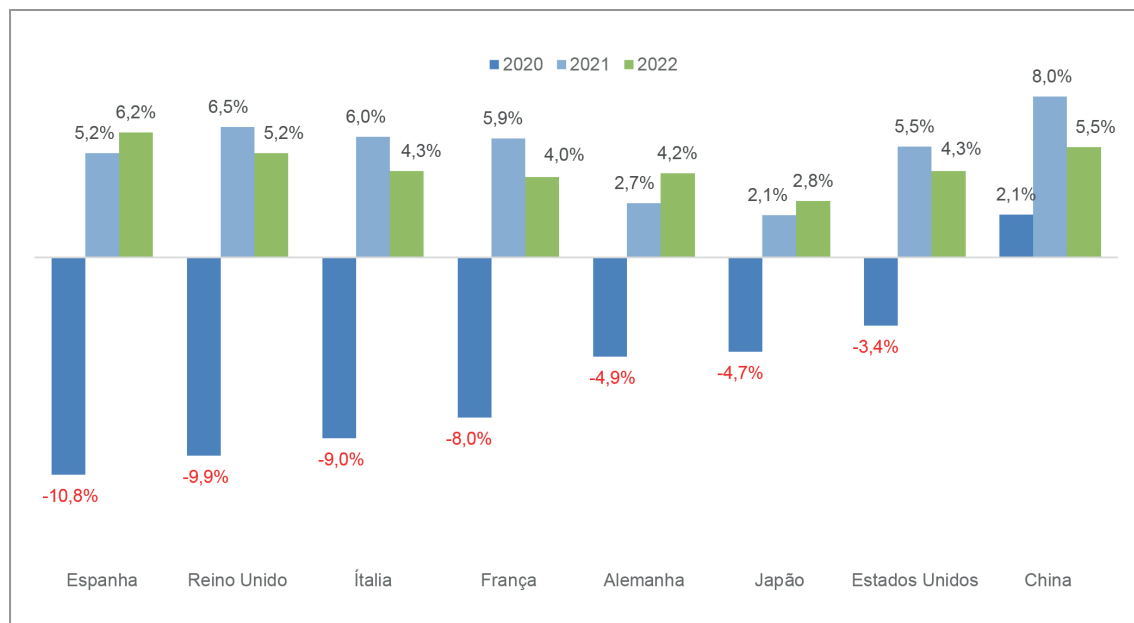
O Setor de Serviços

De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo IBGE, na variação acumulada do período de janeiro a setembro de 2021, observa-se que o setor de serviços no Brasil apresentou uma evolução de + 11,4%. Considerando as atividades que compõem o setor, destacam-se os grupos Serviços prestados às famílias (+16,4%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+15,9%), Serviços de informação e comunicação (+9,5%), Outros serviços (+8,6%) e Serviços profissionais, administrativos e complementares (+7,8%).

Dentre os estados do Nordeste informados na tabela 3, o setor de serviços do estado da Bahia ganha destaque ao apresentar um crescimento de +12,5%, seguido pelos estados do Ceará (+11,1%) e de Pernambuco (+10,9%).

Analisando o estado do Ceará, verifica-se que o resultado do setor de serviços foi influenciado pelos aumentos no grupo de Serviços de transporte (+ 24,1%), Serviços de informação e comunicação (+ 8,0%) e Serviços profissionais, administrativos e complementares (+ 8,0%). Com menor crescimento estão os grupos Outros serviços (+ 0,2%) e Serviços prestados às famílias (+ 2,9%). Quanto ao grupo Serviços prestados à família nota-se que foi uma das atividades no setor que mais sentiu os impactos da pandemia. Ainda sobre esse grupo, verifica-se que o estado do Ceará não acompanha o expressivo desempenho dos estados da Bahia (+48,4%) e de Pernambuco (+45,8%).

Tabela 3 - Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – Brasil e Estados selecionados – Acumulado em 2021 ⁽¹⁾.



Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Notas: (1) Variação acumulada de janeiro/2021 a setembro/2021 (Base: igual período do ano anterior). (2) O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

A Atividade do Comércio

De acordo Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE, o comércio varejista brasileiro no acumulado do ano até setembro de 2021, apresentou um crescimento de 3,8%. No estado do Ceará registrou-se uma retração de -0,8%, influenciado pelas quedas em Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-8,0%) e Livros, jornais, revistas e papelaria (-19,4%). No estado de Pernambuco, observou-se um crescimento de 6,2% com destaque para produtos farmacêuticos (37,1%). Já em relação ao estado da Bahia, o comércio varejista obteve um crescimento de 5,2%, puxado pela forte expansão no comércio de tecidos (41,4%). Observa-se que o crescimento do comércio de tecidos, vestuário e calçados foi muito relevante para o crescimento no comércio do Brasil e dos três estados nordestinos, captando o maior consumo das famílias por esses bens a partir do aumento de circulação das pessoas em decorrência da expansão da cobertura da vacina.

Na análise do comércio varejista ampliado, o Brasil registrou um crescimento de 8,0%, com destaque positivo também para os estados analisados: Pernambuco (22,0%), Bahia (12,1%) e Ceará (10,5%). Esses resultados foram puxados pelos crescimentos do comércio de vendas de veículos e vendas de material de construção, com exceção do Estado da Bahia, no qual verificou-se uma retração de 10,4% nas vendas de material de construção.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados – Acumulado em 2021(1).

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	3,8	-0,8	6,2	5,2
Combustíveis e lubrificantes	2,9	12,6	10,2	5,5
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-3,0	-8,0	-10,0	-9,0
Hipermercados e supermercados	-2,6	-7,1	-11,8	-8,7
Tecidos, vestuário e calçados	24,0	8,6	29,0	41,4
Móveis e eletrodomésticos	-0,9	1,0	-18,6	9,1
Móveis	4,6	4,6	-7,9	3,3
Eletrodomésticos	-3,1	-2,6	-21,8	12,3
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	12,3	5,5	37,1	15,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	-19,4	-28,2	8,0	-24,5
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,3	5,5	-6,8	10,4
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	22,1	0,0	24,8	24,1
Comércio varejista ampliado	8,0	10,5	22,0	12,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	21,6	35,8	73,2	48,2
Material de construção	9,7	24,2	5,8	-10,4

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2021 a setembro/2021 (Base: igual período do ano anterior).

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Segundo os dados exibidos pela pesquisa do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) em relação às movimentações do mercado de trabalho vide Tabela 5, no que concerne ao saldo acumulado do ano de 2021, verificam-se resultados positivos no Brasil (2.646,0 mil), no Nordeste (426,2 mil) e no Ceará (72,7 mil) e também no que tange ao acumulado dos últimos 12 meses também evidenciaram resultados positivos para os mesmos sendo para o Brasil 2.863,0 mil, para o Nordeste 478,0 mil e para o Ceará 87,5 mil. Ademais, em relação a outubro de 2021 comparado com o mesmo período do anterior, verifica-se saldos positivos na geração de empregos no Brasil (253,1 mil) e no Nordeste (51,5 mil), tendo em vista que apesar de ter ocorrido menos admissões, apresentaram menos desligamentos, no entanto, nota-se que para os mesmos estes saldos são menores que no ano anterior (366,3 mil e 64,7 mil) respectivamente. No que tange ao Ceará, no mesmo período, prevaleceram às admissões (43,3 mil) frente aos desligamentos (35,8 mil).

Por conseguinte, devido aos avanços no processo de vacinação justaposto com reabertura das atividades econômicas e diminuição das medidas de isolamento social, constata-se tanto para o Nordeste quanto para o Ceará, que após registrarem saldos negativos em março de 2021, apresentaram crescimentos dos saldos, assim, tornando estes positivos do decorrer dos meses na geração de empregos. Além disto, ressaltasse que no tocante ao Brasil e ao Ceará, o mês de agosto de 2021 evidenciou o melhor desempenho no saldo de empregos do ano no Estado e do País, em contrapartida para o Nordeste nota-se o mês de setembro de 2021 como o de excelente resultado.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - setembro/2020 a setembro/2021(1)

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
Out/2020	1.663,6	1.297,3	366,3	0,96	225,7	161,0	64,7	1,05	44,4	29,5	14,9	1,34
Nov/2020	1.650,3	1.275,9	374,3	0,98	221,3	156,6	64,7	1,04	41,1	27,2	13,8	1,23
Dez/2020	1.328,4	1.485,7	-157,3	-0,41	176,3	189,3	-12,9	-0,21	30,9	30,0	0,9	0,08
Jan/2021	1.688,1	1.445,9	242,2	0,63	224,6	200,0	24,6	0,39	42,1	35,9	6,2	0,54
Fev/2021	1.839,5	1.454,2	385,3	0,99	234,9	199,4	35,4	0,56	45,3	35,4	9,9	0,86
Mar/2021	1.735,0	1.589,0	146,0	0,37	217,4	220,1	-2,7	-0,04	36,2	40,7	-4,5	-0,39
Abr/2021	1.479,1	1.396,9	82,2	0,21	191,9	179,9	12,0	0,19	31,7	30,4	1,3	0,11
Mai/2021	1.622,9	1.365,2	257,7	0,65	200,7	166,6	34,1	0,54	32,6	29,8	2,8	0,24
Jun/2021	1.663,1	1.358,9	304,2	0,77	212,2	164,9	47,4	0,74	38,8	30,2	8,6	0,74
Jul/2021	1.725,4	1.432,2	293,2	0,73	224,4	173,9	50,5	0,79	44,0	31,9	12,0	1,03
Ago/2021	1.866,6	1.496,5	370,1	0,92	257,7	175,7	82,1	1,27	49,0	33,3	15,7	1,33
Set/2021	1.829,1	1.517,0	312,1	0,77	275,0	183,7	91,4	1,40	47,7	34,5	13,2	1,10
Out/2021	1.760,7	1.507,7	253,1	0,62	233,2	181,7	51,5	0,78	43,3	35,8	7,6	0,63
Acumulado do Ano	17.209,5	14.563,5	2.646,0	6,86	2.272,1	1.845,9	426,2	6,81	410,7	338,0	72,7	6,36
Acumulado dos últimos 12 meses	20.188,2	17.325,2	2.863,0	7,47	2.669,8	2.191,8	478,0	7,70	482,7	395,2	87,5	7,75

Fonte: Novo Caged – SEPRT/ME. Elaboração: NUPE/UNIFOR

Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2020 e 2021. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

De acordo com a Tabela 6, onde são apresentados os dados de comércio exterior fornecidos pelo MDIC/SECEX, o acumulado do ano, de janeiro a outubro de 2021 para o Brasil, apresentou crescimento nas exportações (+36,0%), importações (+38,3%) e corrente comercial (+37,0%). O saldo da balança comercial brasileira cresceu 29,4%, registrando um superávit de US\$ 58,4 bilhões.

O acumulado do ano para o Nordeste registrou crescimento nas exportações (+35,1%), importações (+62,7%) e corrente comercial (+50,4%). A variação positiva no saldo comercial foi de 180,5%, sendo esse último equivalente a um superávit de US\$ 6,2 bilhões.

O Ceará apresentou crescimento no acumulado do ano para as exportações (+38,0%), importações (+46,2%) e corrente comercial (+50,4%). O saldo comercial do estado registrou uma variação de -77,5% em relação ao mesmo período de 2020.

De forma geral, os resultados apresentados na Tabela 6, confirmam uma recuperação do comércio exterior durante o ano de 2021, a partir da recuperação econômica dos principais parceiros comerciais do Brasil e com o avanço do processo de vacinação contra a Covid-19.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) – Brasil, Nordeste e Ceará (1)

País / região e estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%
Brasil								
Outubro de 2021	22.518	27,6	20.519	54,9	1.999	-54,6	43.038	39,3
Acumulado do Ano	235.800	36,0	177.302	38,3	58.498	29,4	413.103	37,0
Acumulado 12 meses	289.246	29,7	221.153	33,0	68.094	19,8	510.399	31,1
Nordeste								
Outubro de 2021	882,2	10,6	2.118	118,8	-1.235	-627,8	3.000	69,9
Acumulado do Ano	9.147	35,1	2.927	62,7	6.219	180,5	5.112	50,4
Acumulado 12 meses	11.446	29,7	3.552	45,0	7.894	93,8	6.177	38,4
Ceará								
Outubro de 2021	161,3	-5,4	484,9	126,9	-324	-649,2	646,2	68,2
Acumulado do Ano	2.185	38,0	13.602	46,2	-11.417	-77,5	22.748	50,4
Acumulado 12 meses	2.625	27,6	16.624	40,1	-13.999	-92,4	28.071	34,5

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Acumulado do ano de janeiro/2021 a outubro/2021, enquanto as variações são comparadas com o mesmo período de 2020.

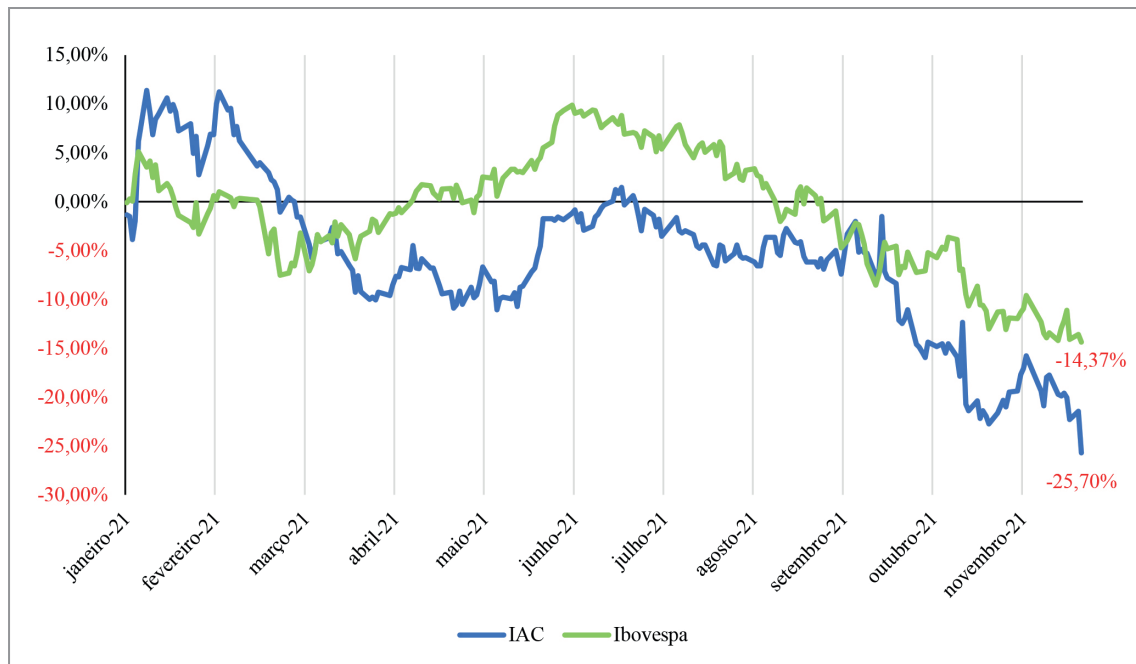
ÍNDICE DE AÇÕES CEARENSES (IAC)

De acordo com o Gráfico 3, o Índice de Ações Cearenses (IAC), que mede o comportamento das ações cearenses registradas em bolsa, acumulou variação negativa de -25,70% entre janeiro e novembro de 2021, quando o Ibovespa também apresentou queda, numa intensidade um pouco menor, em -14,37%.

Verifica-se no gráfico que o Ibovespa apresentou um comportamento inicialmente de crescimento, em janeiro, porém logo em seguida no mesmo mês há um leve resultado negativo até março, após isso o crescimento retorna, chegando ao seu ápice no mês de maio, mas não se sustenta e volta a cair terminando o mês de novembro com queda. Observando o IAC, pode-se constatar que há um significativo resultado positivo logo no início do ano, porém não consegue se sustentar e fica totalmente desregulado durante todo o ano, registrando no gráfico índices de alta e baixa constantes, terminando o mês de novembro com uma queda brusca.

Apesar da recuperação gradual da atividade econômica com o avanço da vacinação pelo mundo, a atual pandemia ainda vem impactando negativamente a economia mundial a partir de incertezas geradas com o surgimento da cepa Ômicron, objeto recente de estudo.

Gráfico 3 – Retorno diário do IAC e do Ibovespa – novembro de 2021.



Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/Unifor.

Conforme a análise dos resultados do fechamento de novembro de 2021 dos Retornos do Ibovespa e das empresas contidas no IAC, verifica-se que das nove empresas listadas, somente duas fecharam o mês em alta, a ação da empresa Arco Educação (NASDAQ:ARCE) com aumento de +9,35% em relação ao mês de outubro e a ação da empresa Enel (COCE3.SA) com elevação de +6,18% em relação ao mês anterior.

Na análise do retorno acumulado no ano até novembro de 2021, todas as empresas apresentaram retrações, com maiores magnitudes para as ações da Brisanet (BRIT3.SA) (-58,85%), Arco (ARCE) (-43,04%) e Hapvida (HAPV3.SA) (-28,64%). Já em relação ao retorno acumulado dos últimos 12 meses, registrou-se expansões apenas nas ações das empresas Aeris (AERI3.SA) (+9,62%), Enel (COCE3.SA) (+3,41%) e Grendene (GRND3.SA) (+0,12%), enquanto as maiores quedas foram registradas nas ações das empresas Brisanet (BRIT3.SA) (-56,39%), Arco (ARCE) (-54,90%) e Hapvida (HAPV3.SA) (-24,48%).

A Hapvida (HAPV3) é a empresa que tem o maior peso mensal no índice comparada as outras empresas que compõem o índice IAC. O seu resultado no fechamento de novembro é de 44,14% de participação, seguidos da Arco (ARCE) (16,74%) e M. Dias Branco (MDIA3.SA) (7,80%).

Tabela 7 - Retornos do Ibovespa e das empresas contidas no IAC – novembro de 2021.

Tickers	Retorno mensal (%)	Retorno acumulada no ano (%)	Retorno acumulado dos últimos 12 meses (%)	Participação mensal (%)
Ibovespa	-1,53%	-14,37%	-6,41%	-
IAC	-3,83%	-25,70%	-26,54%	100%
AERI3.SA	-7,49%	-27,10%	9,62%	5,21%
ARCE	9,35%	-43,04%	-54,90%	16,74%
BNBR3.SA	-7,50%	-10,55%	-3,02%	4,92%
BRIT3.SA	-27,84%	-58,85%	-56,39%	2,32%
COCE3.SA	6,18%	-17,36%	3,41%	3,78%
COCE5.SA	-0,11%	-12,28%	-5,85%	3,53%
GRND3.SA	-3,38%	-1,07%	0,12%	6,98%
HAPV3.SA	-5,63%	-28,64%	-24,48%	44,14%
MDIA3.SA	-9,92%	-18,14%	-14,11%	7,80%
PGMN3.SA	-13,88%	-9,87%	-1,93%	4,57%

Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/UNIFOR.

* Data de referência: 30 de novembro de 2021.

** Retornos ajustados a dividendos e desdobramentos.

Autores:

Catherine Dos Santos Rodrigues

Assiria Kesia Dantas De Oliveira

Eduardo Benoni Silveira Aragão

Felipe Augusto Lima Teixeira

Lívia Gonçalves Lima Bezerra

Luana Souza Carvalho

Lucas Vieira Saboia

Manoela Oliveira Marques Madeira Barros



**Universidade
de Fortaleza**

